

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

JÉSSICA FEITOSA DOS SANTOS

**COMO E PARA ONDE CAMINHA O ENSINO DE
HISTÓRIA?**

São Cristóvão- SE

Março de 2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

JÉSSICA FEITOSA DOS SANTOS

**COMO E PARA ONDE CAMINHA O ENSINO DE
HISTÓRIA?**

Artigo entregue ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para a conclusão do curso em Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos.

São Cristóvão - SE

Março de 2019

Resumo

O presente artigo propõe fazer uma reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem da disciplina de História no Colégio de Aplicação (CODAP) da UFS, envolvendo professores e alunos do Ensino fundamental e Médio, apresentando suas perspectivas, frente às inúmeras demandas do tempo presente.

Palavras-chave: Ensino; História; Aprendizagem; CODAP; Educação.

Abstract

The present article proposes to make a reflection about the teaching-learning process of the History subject in Colégio de Aplicação (CODAP) of UFS, involving teachers and students of fundamental and middle Education. Showing their perceptions, front the countless demands of nowadays.

Keywords: Education; History; Learning; CODAP; Teaching.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA	7
3. SITUANDO O LUGAR DE ENSINO	8
3.1- Faculdade de Filosofia de Sergipe- Origem do Ginásio.....	8
3.2- Nasce o Ginásio de Aplicação.....	10
3.3 - O CODAP hoje.....	12
4. ENTENDENDO O LUGAR E AS PESSOAS ENVOLVIDAS NO ENSINO DE HISTÓRIA	14
4.1- Relações entre Educadores e Sistema de Ensino.....	14
4.2 - O Ensino de História no CODAP pela ótica de seus docentes.....	16
5. VISLUMBRANDO E APONTANDO HORIZONTES DO LUGAR À PARTIR DAS PESSOAS	20
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
7. REFERÊNCIAS.....	27

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 01 - Dom Luciano José Cabral Duarte	10
Figura 02 - Relação dos primeiros ginásios e o ano de fundação	11
Figura 03 - Fachada do CODAP	14

1. APRESENTAÇÃO

Atualmente, o ensino de História apresenta-se dando passos a um grande processo de mudanças, por conta de acontecimentos que estão se desenvolvendo nos últimos anos. Isso não significa que podemos defini-lo, ainda, como fatores positivos ou negativos, pois ainda é bastante incerto como o sistema de ensino irá se fixar no país, não só para disciplina de História, como em todas as outras.

É importante refletirmos não só como professores, mas como cidadãos que fazem parte da sociedade, como o desenvolvimento do ensino daqui em diante poderá nos afetar, afetar os nossos alunos e escolas. Gerar questionamentos e reflexões será o nosso principal instrumento de trabalho, compreendendo primeiramente o problema do nosso tempo para poder pensar o ensino de História, e quais as maiores problemáticas que a envolvem, como a reforma curricular, formação de professores, políticas públicas, novas metodologias de ensino entre outros, que são indispensáveis para esta discussão.

Pelo menos uma vez na vida um professor de História já ouviu de seus alunos que o conteúdo ministrado por ele nada acrescenta em sua vida, pois passado é passado e não interfere no presente ou no futuro, em outras palavras, não tem interferência prática. Este fato é endossado pelo currículo que privilegia matérias técnicas em detrimento das disciplinas que analisam o campo social (CIAMPI, 2003).

Com isto, é nítido o grande desafio que a maior parte dos educadores vem a enfrentar, há uma grande falta de reconhecimento e valorização dentro e fora das salas de aula, visto que disciplinas como História que não são técnicas e para muitos não tem a “serventia” para o mercado de trabalho, é sim indispensável para a base do crescimento humano e para a construção de identidade e pensamento crítico de crianças e jovens que ainda estão a se desenvolver. Para isso devemos analisar nossas metodologias e didáticas para que possamos nos adaptar e nos atualizar de acordo com as mudanças que podem vir a ocorrer da melhor forma possível.

2. REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA

Esta pesquisa está voltada para a tentativa de produzir e fomentar como o processo de ensino-aprendizagem no Ensino de História se desenvolve no âmbito escolar, para que isso ocorra é necessário criar uma rede de documentações que possa assim transmitir os reais objetivos da temática aqui exposta.

Teremos como base primeiramente, entre outros autores e linhas teóricas, a utilização da linha de pensamento de um dos mais importantes pensadores do século XX, Jean Piaget que aborda entre outros temas, a Teoria da aprendizagem, onde em uma de suas diversas observações, cita que “o conhecimento real e concreto é construído através de experiências”.

É importante também fomentar outros olhares e perspectivas acerca do Ensino de História e da Educação, trazendo uma continuidade para ampliação de novas temáticas e problemáticas históricas. A História em si passa por muitas fases, seu contexto histórico e historiografia vão se desenvolvendo com o tempo, de acordo com Mariza Alves Guimarães, “Passou-se a pensar micro-história, atenta aos detalhes, às microrealidades e a valorizar o âmbito cultural, [...] onde houve novamente uma ampliação dos objetos das dimensões de estudos, do conhecimento historiográfico, dos campos históricos, das temáticas estudadas” (GUIMARÃES, 2016).

Em nossa metodologia trabalharemos o método qualitativo, onde “[.] os dados estão baseados nas categorias de significado dos participantes e são coletados em menor número de casos ou sujeitos, o que possibilita uma maior profundidade da análise, sempre buscando a visão holística” (SILVEIRA, 2010, p.4).

Nosso instrumento aqui virá através de entrevistas, realizadas no colégio CODAP, fomentando questões educacionais e do Ensino de História, em que será possível desenvolver uma pesquisa que não necessita basear-se tanto em teorias, assim podendo gerar novas perspectivas sobre o tema.

3. SITUANDO O LUGAR DE ENSINO

3.1- FACULDADE DE FILOSOFIA DE SERGIPE- NASCIMENTO DO GINÁSIO

Neste capítulo vamos estruturar os primeiros passos do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, antes dele se tornar o que conhecemos recentemente por CODAP. Trazendo primeiramente de onde veio sua criação e o porquê, e para quê esta voltado.

A origem do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe está relacionada com a existência da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, fundada no ano de 1950, com o objetivo de formar professores para atuarem no ensino secundário e normal. Em 30 de junho de 1959, por procuração de Dom José Vicente Távora, Bispo da Diocese de Aracaju e presidente da Sociedade Sergipana de Cultura – sociedade pertencente à Arquidiocese de Aracaju da Igreja Católica –, monsenhor Luciano José Cabral Duarte, fundou o Ginásio de Aplicação, com a finalidade de que o estabelecimento servisse como escola-laboratório para práticas didáticas e pedagógicas, especialmente por meio de estágios desenvolvidos pelos graduandos da faculdade. (CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares, 2019).

O colégio que na época era chamado como Ginásio de Aplicação, foi criado e estabelecido na maior parte do Brasil, tendo como um dos seus objetivos ser ligado a alguma faculdade, no caso Faculdade de Filosofia, que aqui em Sergipe tinha como finalidade formar professores para atuar no ensino secundário. Não foi a primeira no âmbito do ensino superior, mas a primeira que tinha como pilares não só funções técnicas e acadêmicas, mas também desenvolver a formação humana e cultural. A mesma foi criada especificamente no dia 20 de setembro de 1950, mas só começou suas atividades no ano seguinte, ainda não havia um local próprio definido para disponibilização de turmas e por esse motivo fincou-se inicialmente em um prédio de um colégio chamado Nossa Senhora de Lourdes, localizado na Rua Itabaianinha, no centro da cidade e apenas no turno da noite.

Apesar de ser considerada uma boa escola estruturalmente falando, e mesmo ainda não tinha como ser supervisionada sempre, além do mais, não era vista com “bons olhos” por não ser localizada em uma área destinada para jovens “de classe e de família”. Na época ainda havia questões como separação de gênero, meninos não podiam estar nas mesmas turmas que meninas, isso levou muitos a não permanecerem.

Foram muitos os fatores que fizeram com que a busca por um lugar próprio se iniciasse logo. Três anos depois com os recursos necessários, um deles através de doação feita pelo governador da época, Dr. Arnaldo Rolemberg Garcez. O primeiro prédio oficial foi localizado no bairro São José.

A preocupação com a formação superior era um sonho acalentado por Dom Luciano Duarte, que dividia sua vocação entre o sacerdócio e o magistério, a fé e o saber, tanto que não mediu esforços para promover não só a criação, como o desenvolvimento e a consolidação da Faculdade de Filosofia (NUNES, 2012, p.29).

Dom Luciano José Cabral Duarte, é um dos grandes nomes na historiografia sergipana, ele tornou-se o primeiro doutor em Filosofia de Sergipe tornou-se e antes disso ordenou-se sacerdote em 1948, mas sempre se manteve ligado a questões educacionais. [...] Monsenhor Luciano destacava-se no clero pelo seu dinamismo, sua capacidade intelectual, seus títulos obtidos em estudos no exterior, sua liderança com a juventude cristã. (MORAIS, 2008, p.317)

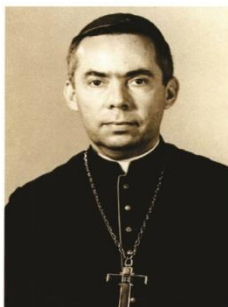


Figura 1- Dom Luciano José Cabral Duarte

Fonte: www.ufs.br

De acordo com o livro *Memórias de um Ginásio de Ouro*, o Monsenhor Dom Luciano foi um dos grandes incentivadores e atuante, para que tanto a Faculdade de Filosofia e o Ginásio de Aplicação evoluíssem e funcionassem da melhor maneira possível, enquanto diretor ele mostrou isso ainda mais, buscando apoio e recursos para melhor funcionamento, mesmo com grandes empecilhos e dificuldades que surgiram, ele conseguiu sensibilizar homens da política para a necessidade de melhorias para a faculdade. Este é um breve resumo de sua passagem na área educacional, um homem que deixou para os próximos um futuro de grandes responsabilidades.

Em 1959, a Faculdade Católica de Sergipe finalmente teve seu próprio prédio construído e neste mesmo ano foi fundado o Ginásio de Aplicação, já no ano de 1968 foi o momento em que foi incorporada à Universidade Federal.

3.2- NASCE O GINÁSIO DE APLICAÇÃO

A criação do Ginásio de Aplicação em um primeiro momento tinha como finalidade servir como forma de pôr em prática o que foi aprendido pelos alunos concluintes de Faculdades, não só de Sergipe, mas de todo o Brasil para que adquirissem experiência para o mercado de trabalho. Não havia uma maior pretensão acerca do que ele poderia se tornar.

Conforme a Lei Orgânica do Ensino Secundário, promulgada pelo Decreto-Lei nº4.244, de 09 de abril de 1942, o ensino secundário seria oferecido em dois ciclos. O primeiro compreendia o ensino ginásial e o segundo colegial, era composto de dois cursos: o clássico e o científico. Foram, assim, definidos dois tipos de estabelecimentos de ensino secundário: o ginásio e o colégio. O ginásio foi, então, identificado como o estabelecimento destinado a ministrar o curso primeiro ciclo, com duração de quatro anos e que objetivava dar aos adolescentes os elementos fundamentais do ensino secundário (BRASIL, 1942). Dessa forma, caracteriza-se o GA, criado em Sergipe como uma instituição de ensino secundário que iniciou suas atividades com o ensino ginásial de primeiro ciclo, o qual compreendia os quatro anos seguintes ao curso primário.” (NUNES, 2012, p.35).

DENOMINAÇÃO DOS GINÁSIOS DE APLICAÇÃO	ANO DE FUNDAÇÃO
1. Ginásio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro	1948
2. Ginásio de Aplicação da Universidade Federal da Bahia	1949
3. Ginásio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul	1954
4. Ginásio de Aplicação da Universidade Federal de Minas Gerais	1954
5. Ginásio de Aplicação do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco	1958
6. Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe	1959
7. Ginásio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina	1961
8. Ginásio de Aplicação da Universidade Federal do Pará	1963
9. Ginásio de Aplicação João XXIII da Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora	1965
10. Ginásio de Aplicação da Universidade Federal de Goiás	1966
11. Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade Católica de Petrópolis	1969

Fonte: (BARROS, 1998)

Figura 2 – Relação dos primeiros ginásios e o ano de fundação
Fonte: Acervo CEMDAP/ Memórias de um Ginásio de Ouro

Como já citado, ele foi fundando no ano de 1959, construindo em sua caminhada uma “boa fama”, na época notícias sobre seu positivo desenvolvimento foram aumentando, sua consolidação perante a sociedade já era um fato. Havia uma necessidade agora em manter um bom padrão de qualidade no quis diz respeito a escola e o ensino, e daí em diante voltaram seus objetivos ao seu aperfeiçoamento como um todo. Tornou-se um local de grande influencia cultural, colocada em prática através das ideias do Monsenhor Dom Luciano, onde crianças e jovens puderam desenvolver grandes relações intelectuais, mas mais do que isso também interpessoais.

A transmissão de um conhecimento de ensino diferenciado foi também sendo estabelecido com o passar do tempo, entre professores e seus alunos, todos estavam ali para compreender antes de tudo que era um ambiente para qualquer um que desejasse adquirir uma boa formação.

3.3 - O CODAP HOJE

Agora em outro momento, temos um novo formato de colégio: o CODAP. Seus objetivos gerais para com o aluno, professores e funcionários em relação a crescimento educacional e interpessoal seguem firme, porém é claro que suas abordagens vêm se modernizando com o tempo.

De acordo com a direção atual do colégio, suas diretrizes e certos pontos no que se refere ao plano pedagógico (PPP) estão em fase de reformulação, pois o PPP que eles possuem de fato, ainda é do ano 1995. Pude ter acesso a esse plano, e visualizei que realmente não é muito indicado utilizar algumas de suas informações enquanto não estiver atualizado, fui também informada de que em breve ele estará exposto em forma digital, onde a população, pais, alunos e professores poderá ter acesso de maneira mais prática.

Ao observar a estrutura logo de inicio, é possível analisar que é um colégio bastante organizado. Na entrada tem uma boa cobertura para proteção de qualquer um que passe por ali, e na recepção consta um mapa que mostra onde fica cada espaço, transformando a passagem por ali muito mais fácil. Ainda em sua estrutura física é possível visualizar, placas de identificação por todo lugar, câmeras que é um dos fatores essenciais para a segurança dos alunos, além de salas de reuniões, salas de professores, supervisão, sala de direção, secretaria que está para fins mais burocráticos, um auditório

com uma boa estrutura e ambientação, salas de aula em boa quantidade, uma “praça” ao ar livre em seu interior, cantina, biblioteca, sala de vídeo, laboratórios, a sala do CEMDAP que é o centro de memória do colégio, enfim, são diversos espaços que trazem para o CODAP um nível de excelência bastante positivo.

Seus professores têm um currículo excelente também, muitos deles tem especializações em mestrado e doutorado, atuam em pesquisas e pós-graduações na própria universidade, e no próprio colégio sempre é introduzida à criação de projetos para interação e construção de novos saberes junto com os alunos, então eles tem a possibilidade de aprender com educadores que realmente fazem jus a profissão. Outro fator observado é acerca da divisão estrutural do colégio de Aplicação, é dividido por alas, são elas: A, B e C, num geral são 20 salas nessas alas, incluindo laboratórios e afins, além de já estarem num grande avanço para receber pessoas com deficiências físicas, e isso pode ser visto nos banheiros e corredores (ambos preparados para pessoas com deficiência visual e física). Mas como em todo colégio sempre há alguma problemática, como melhorias em reformas, que se resolvido rapidamente não se tornará um grande problema.

Dos objetivos gerais, de acordo com as diretrizes e o Art.4 do colégio estão:

- I. Desenvolver práticas pedagógicas e produzir conhecimento em função de uma melhor qualidade de ensino;
- II. Oferecer capacitação para técnicos e corpo docente da própria instituição de forma continuada, extensiva à comunidade em geral;
- III. Servir de campo de observação, pesquisa, experimentação, demonstração, desenvolvimento e aplicação de métodos e técnicas de ensino, de acordo com o Decreto Lei 269/67;
- IV. Proporcionar a prática de ensino aos alunos dos cursos de licenciatura e estágios supervisionados aos alunos dos demais cursos de graduação da Universidade Federal de Sergipe e de outras IES, possibilitando uma abordagem educacional inovadora, direcionada para o desenvolvimento de alunos e professores;
- V. Oferecer um laboratório de recursos humanos propício para uma variedade de pesquisas que possam ser realizadas por professores do ensino fundamental e médio, professores universitários, estagiários e outros;

VI. Possibilitar um ambiente adequado para a criação, implementação e avaliação de novos currículos e estratégias de ensino visando o aperfeiçoamento da educação básica nos níveis fundamental do 6º ao 9º ano e médio, estendendo-os à comunidade;

VII. Formar cidadãos livres, conscientes e responsáveis;

De tudo que foi analisado e descrito aqui, posso afirmar que o CODAP, é um dos colégios mais bem quistos e organizados que tive a oportunidade de conhecer, digo isso por seu trabalho como um todo. Ele dá a oportunidade de inclusão de minorias, que normalmente não tem as mesmas opções que o resto da população, e de acordo com a finalidade para quê foi criado, vem a cumprir corretamente.



Figura 3 – Fachada do CODAP
Fonte: Google

4. ENTENDENDO O LUGAR E AS PESSOAS ENVOLVIDAS NO ENSINO DE HISTÓRIA

4.1 - RELAÇÕES ENTRE EDUCADORES E SISTEMA DE ENSINO

Diferente de outras escolas, o CODAP demonstra ser bastante organizado e disciplinado, claro que como qualquer outra instituição de ensino tem as suas problemáticas, mas comparado a outras, caminha positivamente para o desenvolvimento do ensino, e isto irá se confirmar aqui, através de depoimento de seus professores.

Aqui trabalharemos especificamente com educadores do Ensino de História, que possuem em sua trajetória no CODAP, lembranças e percepções sobre o caminho que e o Ensino de História vem seguindo, que vão se desenvolvendo ao longo dos anos com

suas turmas. Os mesmos não têm muito a dizer de negativo, inclusive demonstram-se satisfeitos com o funcionamento da escola.

Por já ter tido a experiência de ouvir outros professores, de maneira informal, consigo identificar certas diferenças. Normalmente quando estabelecido um diálogo com docentes de escolas administradas pelo estado ou município, vemos e ouvimos constantemente diversas reclamações e “desabafos”, neles alguns pontos se sobressaem bastante, como à questão da relação aluno-professor; professor-escola, além da falta de valorização as profissão e nisto esta incluída claro, os fatores também financeiros. Muitos desses docentes vão todos os dias a suas aulas com o sentimento de frustração e pesar, por saber que todo o esforço realizado em toda sua graduação, buscando realizar-se profissionalmente e pessoalmente, não é valorizado. Sofrem dia a dia com a falta de respeito por parte de alunos, verbalmente e fisicamente muitas vezes, o que claro, tende a afetar seu lado psicológico e emocional, e lógico toda a sua vida fora dali. Alguns chegam a desistir da profissão por não sentir segurança necessária em seus ambientes de trabalho, que não só na teoria, mas também na prática deve ser um local em que seus professores e obviamente seus alunos e demais profissionais, sintam-se protegidos o suficiente para cumprir seus respectivos papéis.

Infelizmente esta é mais uma realidade que vai tornando-se corriqueira, lembrando que no país os índices de problemas psicológicos que vão desenvolvendo em muitos educadores vêm aumentando.

[...] De acordo com o relatório Políticas Eficientes para Professores, divulgado em junho deste ano pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), apenas 2,4% dos jovens brasileiros de 15 anos querem ser professores.” (TEIXEIRA, Larissa, 2018).

A desmotivação se instala nos profissionais, pois até apoio do governo e responsáveis pela área da educação não se tem tão facilmente. As diversas reclamações não são atoa, entendendo que o mínimo de direitos conquistados tem que ser defendido, pois a possibilidade de perdê-los ou de serem minimizados é enorme.

Além dessas situações, temos a preocupação com a estrutura que as escolas oferecem, muitas possuem déficits estruturais, que dificulta ainda mais o processo de ensino-aprendizagem. Estes são fatores que como já disse anteriormente são mais

corriqueiros em escolas, especificamente, administradas pelo estado, e então observamos nitidamente como o acesso a educação de fato de qualidade, não está disponível para todos. Isto não significa que as instituições privadas se isolam das problemáticas que qualquer escola pode vir a ter, pois isso pode acontecer em qualquer meio.

Antes de adentrarmos de fato para a temática proposta, no Colégio de Aplicação, é necessário apontar questões como essas acima, que mostram como pode ser a realidade da educação no país, em todo o âmbito escolar, e não só no Ensino de História.

4.2 - O ENSINO DE HISTÓRIA NO CODAP PELA VISÃO DE SEUS EDUCADORES

Voltando ao nosso ponto inicial: o colégio CODAP, vamos analisar seu funcionamento e o como o ensino vem a se desenvolver, através dos depoimentos de alguns de seus docentes responsáveis pela matéria, fator que foi essencial para compreensão e desenvolvimento acerca de nossa temática: Como e para onde caminha o Ensino de História.

O colégio tem na disciplina de História atualmente, quatro (um deles integralizado recentemente) docentes, que são responsáveis por turmas tanto de Ensino fundamental como Ensino médio, cada um deles com suas devidas especializações. São eles: Prof^a.Dra. Andreza Santos Cruz Maynard; Prof^a.Ma. Caroline de Alencar Barbosa; Prof.Me.José Genivaldo Martires; Prof.Dr. Joaquim Tavares da Conceição.

Normalmente a cada semestre, eles são realocados para as turmas sem uma escolha pré-definida. No período em que foram colhidos os depoimentos eles estavam em final de semestre, consequentemente já tinham suas turmas definidas, e por agora a escola se encontra em período de férias. Justamente por ser final de semestre, infelizmente não pôde haver o encontro com todos eles, porém ainda assim, houve um bom compartilhamento acerca das experiências sobre o ensino de História, com os docentes que tive a oportunidade de conversar.

Num primeiro momento houve o desenvolvimento de um questionário, que constava perguntas voltadas a Educação e Ensino de História, onde os professores

creditaram suas respostas, desenvolvendo ideias e opiniões embasadas antes de tudo com ética e respeito, acerca do real funcionamento da matéria, no Colégio de Aplicação.

A partir do que foi declarado pelos professores, minha primeira observação interessante remete-se ao funcionamento do trabalho, no momento em que são efetivados no CODAP é aplicado o regime de exclusividade para com a escola e para fins que estejam voltados para a Universidade Federal de Sergipe, o que não significa que são impedidos de apresentarem-se, por exemplo, em bancas, eventos de outras instituições, apenas no quesito de Ensino básico que é gerado essa exclusividade. Por conseguinte, o valor recebido é considerado por eles “positivo” e “suficiente” para as funções que foram designadas.

Em entrevista, acerca da questão de remuneração como “problemática” incluída em muitos discursos de professores pelo país, por influenciar ou não no desenvolvimento prático em sala de aula, o Prof.Dr. Joaquim Tavares da Conceição que atua no CODAP, desde 2007, fala:

Eu acho que essa questão influencia em qualquer profissão, não só de professor [...] Acho que, também embora que mesmo bem remunerado, determinadas pessoas, não falando só professor, mas de qualquer profissão, elas seriam mesmo assim um mal profissional, aí não estou dizendo professor e também não estou dizendo isso para justificar baixos salários, acho que os professores vão continuar também, não se interessando, o que é normal do ser humano, de qualquer profissão quando ele também não recebe um salário adequado. Isso se torna até uma relação de causalidade mesmo, mas isso não é específico de professor, é de todas as profissões. Então acho que é um fator importante, não é só as condições, o ambiente de trabalho, as condições materiais, não é?! Então isso tudo influencia na condição do desenvolvimento de ser um professor.

É possível compreender que, não só a baixa remuneração vai denominar se seremos ou não bons professores, antes de tudo estão a nossa relação com o sentimento que aquele trabalho poderá nos causar. E isso muitas vezes não cabe apenas em viés financeiro, há profissionais da educação ou de qualquer outro lugar que podem ganhar o melhor que for, senão houver prazer no que está sendo realizado, não há nada que fará isso retroceder. Assim podemos observar também que problemáticas como essa, não faz parte da realidade de todo lugar de ensino, é um fator importantíssimo, mas não o essencial e nisto o Prof.Me. José Genivaldo Martires analisa: “Nunca creditei a questão

do desenvolvimento das atividades pedagógicas ao fator remuneração. É claro que o problema existe. Mas, ser determinante na falta do empenho, não aceito [...]”.

Ainda no mesmo âmbito da educação, é importante relatar como estes professores encararam sua passagem pelo ensino superior. Tudo está interligado, muito do que aprendemos na universidade levamos para nossa profissão ou não. Alguns discentes saem do curso por pensar que no futuro não será válido o esforço, falando financeiramente, em sua concepção é um fator essencial, outros não se adaptam a forma com que se aprende nas universidades, então, será que realmente o ensino em cursos superiores estão preparados para dar uma boa base para o futuro docente? E outra questão, ele realmente nos prepara para sermos professores de fato?

Adentrando esses fatores, fiz a eles essa pergunta, se de acordo com suas trajetórias no curso superior, foram verdadeiramente preparados para a prática da docência, e o Prof.Me. José Genivaldo Martires nos conta que:

A grande máxima que aprendemos ao concluir os cursos de licenciaturas é que a Universidade não forma o professor. Na verdade se tornaria impossível para as instituições de ensino formar o docente preparado para resolver todos os problemas que enfrentam na sala de aula. A missão dos cursos de licenciatura é instrumentalizar, munir de conhecimentos, práticas metodológicas para que o professor saiba como e onde aplicá-los. Nesse sentido, na época em que cursei, não houve essa preocupação por parte dos docentes. O interesse era repassar “todo” o conteúdo da História sem a preocupação de transformá-los em conhecimentos de saber didático.

Mesmo com esses “déficits”, as lembranças, ditas por eles são boas, consideram um processo importante pelo qual passaram. Ainda que a forma de ensino tenha mudado bastante ao longo dos anos e da época em que se graduaram, a essência continua semelhante. O Prof.Dr. Joaquim Tavares Conceição comenta:

Foi um período importante, acho que na minha época tinha uma maior efervescência, assim, cultural no campus, não sei se era porque o campus era menor, a gente via um movimento estudantil mais atuante, embora não tenha atuado a gente percebia as atividades culturais, o campus eu acho que hoje embora seja maior, acho que na minha época, no início da década de 90, era um campus mais efervescente, menor, mais as pessoas estavam sempre patrocinando. O curso como lhe disse, às vezes ele era muito em algumas disciplinas teórico, e quando eu comecei, ainda terminando o curso, a lecionar tive uma

dificuldade nisso, porque a história substantiva em si, às vezes você não viu. Mas eu tenho uma boa memória, uma lembrança boa do curso, dos professores [...].

Seguindo ainda nesse viés, o Prof.Me.José Genivaldo Martires, complementa sobre seu processo de formação e sobre motivação para docência, especificamente, ele conta que:

O processo de formação foi centrado no estudo da divisão clássica da História Geral e do Brasil; poucas disciplinas sobre Sergipe; descompasso com as disciplinas pedagógicas; as práticas de ensino foram transformadas em seminários. [...] A motivação está associada ao prazer, ao gosto de ensinar a história, a educação básica é mais desafiadora, pois estamos auxiliando na formação do indivíduo, suas descobertas.

Quando se fala de ensino e de História, trabalhamos com diversas possibilidades que possam ser colocadas em práticas. No ensino de História, o professor pode tentar desenvolver nos alunos, um saber que acaba por se acumular muitas vezes, e este saber pode vir a tornar o aluno em um sujeito social, e questões sociais como culturais normalmente estão presentes nas falas de professores. Apesar de muitos acreditarem que nosso papel é apenas formar pessoas para desenvolver um pensamento crítico, a concepção sobre o ensino e sobre história vai muito além. Por isso, é importante que o docente tenha certa autonomia, uma “liberdade” maior para exercer seu trabalho de maneira mais didática possível. Nesse quesito, acerca do processo de ensino aprendizagem no CODAP, e processo de formulação de atividades para as turmas e como a escola age para com a necessidade do professor, o Prof.Me. José Genivaldo Martires opina:

Esse processo vem se modificando em razão das mudanças que ocorrem na sociedade, isso é natural e sem retorno. A escola, os docentes precisam de atualização para acompanhar essas mudanças. Os alunos chegam à escola com uma gama de conhecimentos, facilitado pela popularização dos meios digitais. O professor não é mais o centro do saber. Precisamos reavaliar nossas práticas. [...] conhecimento do perfil da turma, estudo dos procedimentos e elaboração das atividades e/ou projetos. Dificuldades: atrair, sensibilizar os discentes para as mesmas (comprar a ideia, no dito popular). Existem mecanismos administrativos, impedimentos, não.

Sem dúvidas como em toda escola, o processo de ensino-aprendizagem possuem seu diferencial. Alguns professores seguem com métodos mais teóricos, outros pendem

para utilização de inovações, como o uso de tecnologias, entendendo que é preciso modernizar-se de tempos em tempos, para que assim não perca seu lugar perante seus alunos.

No CODAP, isso não é diferente. Percebo com esses e outros depoimentos, que o foco do professor é inovar-se perante as tantas mudanças que o ensino vem gerando, o perfil dos alunos dessa escola de forma geral na disciplina de História não é negativo, são sim bastante diversificados e principalmente socioeconomicamente falando, pois a forma de integralização no colégio de aplicação engloba alunos de todos os lugares, de interior, cidade grande, de bairros populosos, o que torna o entendimento da disciplina diferenciado, necessitando que o professor se adeque para as necessidades desses jovens.

5 - VISLUBRANDO E APONTANDO HORIZONTES DO LUGAR A PARTIR DAS PESSOAS

Aqui, continuaremos a seguir com os depoimentos dos docentes, além de linhas de autores que cercam a proposta do tema. Tendo como objetivo explicar qual o cenário que os professores visualizam, acerca do Ensino de História, não só no CODAP, mas na educação como um todo.

O professor de História tende a buscar maneiras didático-pedagógicas que se encaixem na sua forma de trabalhar. Esta disciplina é vista por muitos como “janela” apenas para o que é antigo, para o que é “velho”, e é muito complicado fazer com que a criança e o jovem compreendam que entender História vai além das antiguidades, museus que vemos por aí. Será que é possível transformar as ideias destes meninos? Como trazer para a realidade deles uma concepção de historicidade? Para isso é importante fazer uma relação de passado e presente, trabalhar e adaptar os métodos que utilizamos inserindo novidades para os nossos alunos.

É notório que o desinteresse por parte dos alunos está vinculado a um ensino mais repetitivo e muito teórico, onde o professor se utiliza apenas da sua voz para aula, o que acaba por tornar-se desestimulante e enfadonho. Tendo em vista que o aluno de hoje, está sempre em contato com as inovações que o mundo tende a oferecer, então veem como “desnecessário” o tempo voltado para aquela aula.

O professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber-fazer, o saber-fazer-bem, lançar os germes do histórico. Ele é o responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas em problemáticas. (SCHMIDT, 2004, p.57).

Outra questão que está relacionada ao desenvolvimento do Ensino, é o “querer” do professor em revolucionar a forma com que aplica suas aulas. Muitos ficam estagnados no formato mais “tradicional” de lecionar, não há a busca e nem interesse para a mudança em suas turmas, e infelizmente essa é uma das muitas realidades de docentes no nosso país. E como fazer para o aluno que ainda não tem um pensamento crítico formado, se interesse pela disciplina, se o próprio professor não busca evoluir em sua prática? Afinal, por consequência nos tornamos guias e mentores intelectuais para estes jovens, nos tornamos muitas vezes referencia para eles.

Por outro lado, temos realmente alguns profissionais da educação que ainda propagam que acreditam que para o ensino ser eficaz ele tem de ser teórico e metodológico, apesar da crescente em relação a métodos mais dinâmicos e didáticos, sobre isso os professores do colégio de Aplicação, analisam que:

Isso representa uma tensão, que ultrapassa séculos, de forças mais conservadoras com as forças mais progressistas no que consistem nas concepções teóricas e metodológicas. Compartilho que os dois movimentos são importantes para a criação de uma terceira via: o arcabouço teórico-metodológico é necessário, mas a transposição didática dos conteúdos é vital (Prof.Me.José Genivaldo Martires).

[...] o professor, ele tem que ter a metodologia, ou seja, ele tem que ter a teoria, mas ele também tem que ter o conhecimento prático, ele tem que saber como expor o assunto, tem que saber qual a metodologia de aplicar aquele assunto para um sexto ano, mas ele também tem que saber fazer isso no ensino médio. A gente percebe isso com os estagiários que chegam, eles vão dar uma aula no sexto ano e tem uma grande dificuldade de transmitir, por quê? Porque eles aprenderam aqueles termos no curso e começam a falar, e os alunos ficam, e a gente percebe que eles ficam ali olhando, e de vez em quando ainda citam autores, mas os alunos não sabem quem são, as vezes eles chegam no ensino médio e tem uma maior facilidade, porque no ensino médio os alunos já perguntam mais, já interagem mais, até pela idade do estagiário [...] então é por isso que o professor deve estar formado das faixas etárias, que método utilizar no ensino fundamental, no ensino médio, então não há uma forma adequada, e eu acho que todas essas formas tem uma contribuição para o professor, e o professor precisa de todas elas (Prof.Dr. Joaquim Tavares Conceição).

Buscar o meio termo é sempre um bom método, principalmente quando se fala de educação e ensino, é importante envolver o aluno numa base fortalecida de conhecimento, sem “afoga-lo” em pura teoria, mas também sem deixar passar as informações necessárias para sua formação.

A reforma curricular é outro assunto que mais divide opiniões no meio educacional, e onde entra a formação do professor, caso entre em vigor? De acordo com o MEC (Ministério da Educação), “A formação de professores para atuar na educação básica, conforme disposto na LDB, será realizada em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a formação em nível médio, na modalidade normal (LDB, Art. 62). Os profissionais graduados que tenham feito complementação pedagógica também podem atuar na educação básica, conforme disposto pelo Conselho Nacional de Educação (Art. 61, V)”.

Há uma grande preocupação por parte dos docentes em como exatamente irá funcionar essa reforma, e se é a melhor opção. É bastante compreensível esse receio, afinal de contas para que venha a funcionar, será necessário passar por um grande processo de formação de profissionais, de reformulação de materiais didáticos, além da reformulação nos currículos. Alguns acreditam que seja uma proposta válida, já outros veem como antecipação na forma de ensinar, acreditando que a construção do ensino-aprendizagem não irá se desenvolver mais, caso seja aprovada. Sobre essa proposta, o Prof.Me. José Genivaldo Martires pontua da seguinte forma:

A finalidade traz no seu bojo o interesse de aperfeiçoar o processo ensino-aprendizagem. A grande questão que os professores de História e das outras disciplinas possuem receio, é a falta de “autonomia”. Entretanto existe uma preocupação na reforma de interligar os saberes afins (História, Filosofia, Geografia, Sociologia). A eficácia somente o tempo e as experiências vão revelar.

Acredito também que seja uma ideia válida, mas para a atual situação em que a educação e o país se encontram, não sei se realmente funcionaria de forma correta, pois a estrutura necessária para isto obviamente ainda não existe, mas aguardemos como essa problemática irá se solucionar.

Estabelecer melhorias para a educação e o ensino como um todo, não será uma das mais fáceis tarefas, porque até hoje não é. Das várias questões que ainda são geradas, é preciso ter em mente que o primeiro passo é manter-se no propósito, pois apesar de sabermos que a maior parte da concretização de ideias para melhora, resolução e avanços na educação não dependa só dos docentes, por exemplo, somos essenciais para que certas escolhas e decisões vão ou não adiante. No ensino de História devemos também nos ater em como os alunos visualizam a prática de ensino, o que eles pensam, suas opiniões, pois já se foi o tempo em que alunos eram utilizados apenas como instrumentos de absorção, hoje eles podem e devem ter suas ideias compartilhadas, interagir irá acrescentar bastante no processo de ensino-aprendizagem, além de prepara-los melhor para questões futuras, e nisso a escola tem o papel e a obrigação de atualizar seus meios didáticos e pedagógicos para um ensino mais eficaz.

E o governo, onde se encaixa nisso? Como exercem seu poder diante aos questionamentos no âmbito da educação? Vamos então nos ater em mais uma das questões necessárias, as políticas públicas, que seria a soma e criação de atividades dos governos, que no caso das questões educacionais podem vir a tomar decisões diretamente, de acordo com suas escolhas, que funcionam da seguinte forma:

“AVALIAÇÃO → FORMAÇÃO DE AGENDA → FORMULAÇÃO DE POLITICAS
→ PROCESSO DE TOMADA DE DECISÃO → IMPLEMENTAÇÃO”

Mesmo com tal configuração de desenvolvimento para as políticas públicas, que é também utilizada de forma geral, de acordo com o governo a população pode sim participar dessa construção, através de pedidos e sugestões, através de participação popular. Há também conselhos que são criados especificamente para espaços de discussões, formados por cidadãos e representantes do governo.

É importante frisar que ações como as de políticas públicas, estão na lei e previstas pela Constituição Federal, e claro que a maior parte da população não está ciente desse direito, muito disso pela falta de informação e divulgação, lembrando que em tese as mesmas são feitas para propagar o bem estar do cidadão e quando voltada para educação, para colocar em prática medidas educacionais que possam servir a todos.

De fato há vários programas e projetos voltados para as políticas públicas educacionais, mas o que devemos observar é se eles estão funcionando de maneira correta, para quem estão sendo disponibilizados e direcionados, pois um plano educacional na teoria e na prática deve funcionar para aquilo que foi proposto.

No colégio de Aplicação pude observar que questões como essas já citadas, são bem aplicadas e desenvolvidas, há sem duvida uma boa organização nos métodos educacionais, e na criação de projetos internamente também, que vão aproximando mais os alunos da vivencia estudantil.

Vimos no transcorrer desse texto que o interesse pelo ensino de historia, em muitas escolas é um pouco mais complicado, no CODAP, pela visão dos professores até que os alunos são considerados participativos, eles acreditam que houve um bom avanço nesse quesito, que claro tem suas exceções, mas num todo, e os resultados são positivos, o maior desafio é mantê-los o mais atento e interessados possíveis, transformando o assunto em algo que possa os apetecer mais. Ainda assim há um grande receio acerca das diretrizes educacionais, além da possibilidade da aprovação de um projeto que é temido por alguns docentes e defendido por outros, “Escola sem Partido”, de forma resumida é um movimento que defende a imparcialidade e objetividade da atuação do professor em sala de aula. Acerca disso o Prof.Me. José Genivaldo Martires conta qual sua visão sobre, caso seja aprovado, e quais efeitos isso causaria no Ensino de História:

Um perigo muito próximo. O efeito maior é proibir a liberdade de cátedra aos professores. Em relação ao ensino da História, o receio é de retroagirmos ao século XIX, ou seja, a história dos grandes feitos, heróis, controlada pelos detentores do poder.

Muito desse projeto esta baseado de fato, em viés políticos, na crença de que possa existir algum tipo de doutrinação, que vá afetar a metodologia de ensino e na forma de aprendizagem dos alunos. Porém é muito complicado querer tirar do professor a “liberdade” de abordar questões (falando aqui no Ensino de Historia especificamente), que vão nos tornar apenas transmissores de conteúdo e nada mais, certos assuntos precisam sim ser explanados, e não por questões ideológicas pessoais, mas sim porque fazem parte da História, e não tem como e nem deveria ter um porque para negá-los.

O exterior de um campo de saber é tão importante para uma disciplina como aquilo que ela inclui, como as teorias e métodos que ela franqueia aos seus praticantes, como o discurso que ela torna possível, como as escolhas interdisciplinares estimuladas ou permitidas. Ademais o que se interdita em uma disciplina, como tudo mais, também é histórico, sujeito a transformações [...] (BARROS, 2012, p.18).

Todas as abordagens até aqui geradas, são importantes para a tentativa de estabelecer um diálogo que venha trazer de fato, novas perspectivas acerca da temática. A busca pelo avanço das concepções sobre ensino de História é contínua, porque estamos sempre pensando e elaborando junto aos alunos e escolas, formas de construir uma maior conscientização que “case” com a inserção de novas metodologias, e ainda assim não permitindo que o ensino se perca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se discute sobre educação, ensino e aqui especificamente sobre o ensino de História é necessário que se analise pontos que não estejam tão expostos para a sociedade. Como trazer respostas se ainda não percorremos todo o caminho? E é por isso que neste trabalho, a tentativa foi de analisar e refletir acerca do que se esperar para o ensino de maneira geral.

A ideia é propor a aqueles que venham a ler, que reflitam acerca de meios mais amplos e claro contextualizados, historicamente falando, de mudar ou melhorar a forma como não só os alunos, mas a sociedade vê o Ensino de História, desempenhar esse papel em tempos tão difíceis, em que desenvolver sua profissão tornou-se uma luta constante para que compreendam que conhecimento histórico é também essencial para o crescimento pessoal de crianças e jovens, e isso só nos trás a tona da realidade que vivemos.

Aqui construímos ideias através de depoimentos de professores que vivem essa realidade há anos, eles sabem como realmente funciona a prática docente e quais percepções tiram disso. Não há intenção de fomentar o que o docente deve ou não fazer em suas práticas diárias, estamos buscando apenas trazer como funciona de fato esse ensino no âmbito escolar.

É preciso sim examinar a contraposição no Ensino de História, e para isso devemos analisar nossos conceitos no quis diz respeito ao âmbito escolar, e também

historiográfico, expandindo nossos olhares para os reais problemas. E para onde caminha o Ensino de História? Com o que pude analisar o caminho ainda é longo, e como historiadores e futuros docentes devemos ampliar nossa reflexão para o que está por vir.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas

BARROS, José D. **Teoria da História**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

CIAMPI, H. **O processo do conhecimento/pesquisa no Ensino de História**. In: História & ensino: Revista do Laboratório de Ensino de História. Londrina. Eduel. 2003.

GUIMARÃES, Mariza Alves. **Um olhar sobre a história da organização curricular da educação física no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (1959-1996)**. São Cristóvão, 2016. Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe.

MORAIS, Gizelda. **Dom Luciano José Cabral Duarte: Relato biográfico**. Aracaju: Gráfica Editora J.Andrade, 2008.

NUNES, Martha Susana Cabral. **Colégio de Aplicação da UFS: memórias de um ginásio de ouro**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a Educação**. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

SCHMIDT, M. A. **A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula**. In: BITTENCOURT, Circe. O saber histórico na sala de aula. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

Eletrônicas:

ALVES, Carlos Jordan Lapa. ROSA, Geder da Rocha. *Uma reflexão sobre o Ensino de História: Um estudo de caso do processo de Ensino-Aprendizagem*. Ensaios pedagógicos/ Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET. ISSN 2175-1773, 2016. PDF.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. *Reflexões sobre o Ensino de História*. São Paulo, 2018. PDF.

FRANGELLA, Rita de Cássia Prazeres. *COLÉGIO DE APLICAÇÃO E A INSTITUIÇÃO DE UMA NOVA LÓGICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM ESTUDO HISTÓRICO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO BRASIL*. UERJ- Rio de Janeiro, 2000. PDF.

NUNES, Clarice. *Memória e História da Educação: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, 2003. PDF.

SILVEIRA, Eder da Silva. *ESTUDO DE CASO E MICRO-HISTÓRIA: distanciamentos, características e aproximações*. Revista História em Reflexão: Vol. 4 n. 8 – UFGD - Dourados jul/dez 2010. PDF.

SILVA, Rosiane Machado Da. *O estado do conhecimento sobre os colégios de aplicação do Brasil de 1987-2013 na história da educação*. X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014. PDF.

<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074544.pdf>. Acessado em 25 de fevereiro de 2019.

<https://novaescola.org.br/conteudo/12302/pesquisa-indica-que-66-dos-professores-ja-precisaram-se-afastar-devido-a-problemas-de-saude>. Acessado em 02 de março de 2019.

<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>. Acessado em 06 de março de 2019.

<https://www.todapolitica.com/politicas-publicas/>. Acessado em 06 de março de 2019.

<https://www.infoescola.com/educacao/escola-sem-partido/>. Acessado em 06 de março de 2019.

http://codap.ufs.br/uploads/page_attach/path/3079/Regimento_Interno_do_CODAP_-_Resolu__o_31-2008-CONSU.pdf. Acessado em 10 de março de 2019.

Entrevistas:

MARTIRES, José Genivaldo. **Comunicação virtual a respeito da sua vivência e opiniões através de questionário, acerca da temática:** Educação e Ensino de História no CODAP. Entrevista concedida em fevereiro de 2019.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares. **Comunicação pessoal a respeito da sua vivência e opiniões através de questionário, acerca da temática:** Educação e Ensino de História no CODAP. Entrevista concedida em fevereiro de 2019.